

Revistas do Cemoroc: Ano 15, No. 200, São Paulo: 2012 - esboço de um “Memorial” institucional de hottopos.com

Jean Lauand¹

Resumo: Por ocasião da celebração do 15º aniversário e da publicação do número 200 das revistas universitárias do Cemoroc, Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente (Edf-Feusp), alojadas em www.hottopos.com, este artigo apresenta um “memorial” dessa história editorial, seus principais marcos e discussões sobre a vida acadêmica, a atividade editorial e suas relações.

Palavras Chave: Cemoroc. revistas universitárias. atividade editorial.

On the celebration of the 15th anniversary of the academic journals of Cemoroc

Abstract: On the occasion of the celebration of the 15th anniversary and the publishing of the volume #200 of the academic journals of Cemoroc, Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente (Edf-Feusp), at www.hottopos.com, this article presents the landmarks of this editorial history, along with reflections and discussions on academic life, editorial activity and their relationships.

Keywords: Cemoroc. university journals. editorial activity.

"Não sou eu quem me navega; quem me navega é o mar"
(Timoneiro - Paulinho da Viola / Hermínio Bello de Carvalho)

Introdução: 200 números publicados

Este volume, o No. 200 de nossas revistas, está dedicado aos números redondos que a Editora comemora e, em diversos artigos nesta edição, destacam-se aspectos de nossa história, cujos principais marcos são rememorados no presente estudo. Apresentamos também, ao final, alguns artigos das especialidades de estreitos colaboradores do Cemoroc e um par de páginas (*in memoriam*) de nossos autores: Josef Pieper e Julián Marías.

Não é todo dia que um projeto editorial de revistas universitárias completa 15 anos e, menos ainda, atinge seu No. 200 (!), como ocorre agora com as publicações seriadas do Cemoroc, cuja versão eletrônica encontra-se no site da Editora Mandruvá (www.hottopos.com). A regra, a implacável regra empírica diz que muitas revistas acadêmicas costumam parar na praia dos fatídicos No. 6 ou 7... Daí a prudente espera de entidades avaliadoras; bancos de dados e indexadores antes de reconhecer uma publicação seriada: para ver se ainda flutua, se o time continua em campo. E é que – o Cemoroc bem o sabe – há muitas dificuldades na vida de uma revista. Para além das financeiras (sobretudo quando, como em nosso caso, não se pode contar com orçamentos institucionais), há toda uma dinâmica (ou, por vezes, estática...) das instâncias próprias da vida acadêmica, com suas funções e disfunções e sua burocracia.

Na carreira pessoal, em alguns dos concursos que prestamos, é-nos exigido um Memorial: para além dos frios dados curriculares, um relato que permita à banca uma compreensão do sentido, das razões de coerência da trajetória do candidato. Em nosso caso, institucional, fui incumbido do honroso desafio de, por ocasião desses

¹. Presidente do Cemoroc – Centro de Estudos Medievais Oriente e Ocidente do Departamento de Filosofia e Ciências da Educação da Feusp. Professor Titular Sênior da Faculdade de Educação da USP. Professor Titular do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Metodista de São Paulo. jeanlaua@usp.br

importantes marcos redondos – 200 volumes e 15 anos de caminho –, escrever este esboço de Memorial das revistas do Cemoroc, Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente (Edf-Feusp).

Todo Memorial é um desafio: além do incômodo de falar sobre si mesmo (pessoal ou institucionalmente), corre-se o risco de um olhar piegas, e não informar o que realmente é relevante. Ou o da presumida distorção, nesse olhar retrospectivo para pontos positivos e negativos da vida profissional. É sempre bom a releitura do “Poema em linha recta” do Pessoa (Álvaro de Campos) antes de empreendermos a tarefa.

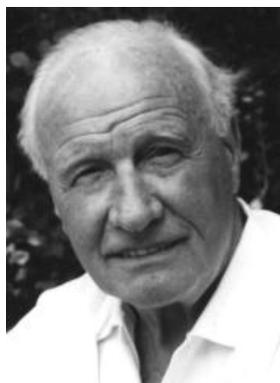


Feusp - Faculdade de Educação da Univ. de São Paulo

A parte mais fácil ainda é a dos dados e já adiantamos os básicos. Em 1997, lançamos nossa primeira revista, *Mirandum* (21 Nos.), seguida de *Notandum* (1998, 28 Nos.), *Revista Internacional d'Humanitats* (1998, 24 Nos.); *Collatio* (1998, 13 Nos.); *International Studies on Law and Education* (1999, 12 Nos.); *Convenit Internacional* (2000, 10 Nos.); *Videtur* (1998, 31 Nos.); *Regeq* (1998, 14 Nos.), além de coleções especiais - *Notandum Libro* (16 Nos.); *Videtur Letras* (7 Nos.); *Mirandum Libro* (4 Nos.); *Videtur Libro* (14 Nos.) e *Mirandum Plus* (7 Nos.).

São revistas de humanidades, multidisciplinares, com ênfase em educação, filosofia, estudos orientais, Idade Média e linguagem (a exceção foi a, já extinta, *Revista de Graduação de Eng. Química*, dirigida pelo querido amigo Dr. Wilson Salvagnini, da EPUSP, que sempre soube trazer à *Regeq* a perspectiva pedagógica e humanista). Estimo que assinaram artigos mais de 600 autores e publicamos em 12 línguas: português, espanhol, inglês, francês, italiano, catalão, alemão, chinês, árabe, latim, coreano e japonês.

Desde o começo, trabalhamos em parceria com prestigiosas universidades estrangeiras, em coedições com a Univ. do Porto e a Univ. Autônoma de Barcelona (nossas parceiras ainda hoje); e com as universidades: Autônoma de Madrid, Freiburg, Frankfurt, Católica de Murcia, Instituto de Filosofia de Cuba, Vilnius (Lituânia) etc.



Josef Pieper

Temos também o privilégio de manter uma seção *Signatures*, com artigos exclusivos com que nos quisermos honrar três dos maiores filósofos contemporâneos: Josef Pieper (1904-1997), Julián Marías (1914-2005) e Alfonso López Quintás (1928-), à qual se juntaram outros renomados pensadores (<http://www.hottopos.com/4.htm>).

Nestes 15 anos, nosso trabalho editorial (o Cemoroc também publica livros, mas aqui falaremos só das revistas) foi objeto de muitas matérias na mídia e recebeu diversos prêmios: 31 inclusões nos *Top Ten* do Google (no começo deste ano transferidas para o *Open Directory*); 5 prêmios “Dirección de la Semana” em suplemento do jornal ABC de Madri, na época o maior jornal da Espanha; etc.

Memorial institucional

Como dizia, um Memorial, pessoal ou institucional, busca apresentar (caso entendamos sua elaboração como algo distinto de um mero exercício burocrático) de modo articulado e sistemático os principais marcos da carreira, mostrando a unidade e a coerência das atividades exercidas nas diversas facetas que compõem a trajetória acadêmica. Para além da grande quantidade de “fatos” apresentados em ordem meramente cronológica em compartimentos estanques do *curriculum*, espera-se uma possibilidade de “compreender” (no sentido “técnico” de *Verstehen*) a unidade do profissional (ou do empreendimento): as razões de tais ou tais opções, pesquisas e atividades, aparentemente tão multifacéticas e variadas.

A dificuldade da tarefa de oferecer ao leitor essas razões é que elas não são imediatamente claras para os próprios protagonistas e para aquele que redige o *Memorial* e que tem diante de si um trabalho de objetivação². Essas grandes linhas – trajetórias resultantes da tensão dialética entre *circunstância* e *vocação*³ não são plenamente conscientes no momento em que estão sendo percorridas, nem sequer mesmo quando – anos depois – nos debruçamos sobre elas.

Seja como for, a reflexão imposta pela exigência de um Memorial obriga a identificar – em alguns casos para surpresa do próprio interessado – e explicitar essas grandes linhas que orientam nossas atividades, por um esforço consciente de apreensão.

Falamos aqui de caminhada, de carreira, de percurso (presente na etimologia da palavra “currículo”). Sobre a necessária imprecisão dessa retrospectiva histórica, cabe aqui a sugestiva indicação dada pela palavra bíblica: caminho (*derek*). Na perspectiva semita, o caminho não está pré-determinado e não comporta uma tradução como a que temos que repetir nas missas: “Caminhamos pela *estrada* de Jesus!” Para aquele povo do Oriente, o caminho é o de cada um, não há rodovias no deserto... Não por acaso, *derek* significa também o jeito pessoal de cada um fazer as coisas: uma acumulação semântica na Bíblia que foi parar no inglês *way*... Daí a profundidade do verso de Machado: “*Caminante, no hay camino, se hace camino al andar*”.

Passados os anos, é muito fácil na retrospectiva de um Memorial apresentar as trajetórias como se tivessem sido cuidadosamente planejadas, obedecendo a um projeto racional, a um plano fechado. Fácil e falso. A verdade é que muitas das oportunidades vêm do imprevisto, da oportunidade oferecida pelo acaso, de uma ideia importante que surge de repente no caminho...

Daí o absurdo da exigência de rígidos planos e projetos de pesquisa – com “bem definidas” hipóteses, objetivos, metodologia etc. – em ciências humanas, como

² Semelhante à objetivação que se dá metodologicamente em Filosofia, tal como propõe, por exemplo, Josef Pieper.

³ Para usar os conceitos – tão próprios para esta ocasião – de *trayectoria*, *circunstancia* e *vocación* elaborados por Ortega e Julián Marías.

se o rigor científico nosso se devesse pautar por padrões importados de outras áreas... Em “Dois modos de ser crítico”, Josef Pieper distingue o critério de rigor das “ciências”: *nichts durchlassen*, “não deixar passar nada” que não tenha sido comprovado; do rigor em filosofia, *nichts auslassen*, “não deixar de fora nada”, buscando a conexão global deste ponto em estudo com o todo do real. (<http://www.hottopos.com/mirand12/pieper.htm#3>)

Que hipóteses Heidegger teria para apresentar em seu “projeto de pesquisas”, para serem testadas, “comprovadas” (ou falseadas) em *Ser e Tempo*? Teria algum sentido, hipóteses como: “No ser do ente acontece o nadificar do nada” ou que “é o nadificar do nada que leva o ente ao *ser-aí*”?

Quais os “objetivos gerais e específicos” das *Confissões* de Agostinho, dos *Pensamentos* de Pascal? Verificar que “o silêncio eterno dos espaços infinitos apavora”? Ou que “o coração humano está inquieto enquanto não descanse em Deus”? Seriam sumariamente recusados pelas Comissões de Pesquisa e por certos pareceristas tupiniquins de agências financiadoras.

E quanto à metodologia, Julián Marías, sempre tão rigoroso, não hesita em afirmar (e o faz em nada menos do que em um prefácio a uma erudita tese de doutoramento!): “O método? Sentir, como se fossem minhas, as dores tuas”. E ajunta:

“Sim, [este é o método] mas a indagação dos métodos intelectuais, de maneira que se veja claramente que isto é um método, requereria outra tese de doutoramento, que alguém deveria escrever”⁴

E Platão não obteria o aval dos Comitês de Ética para *O Banquete* enquanto não encaminhasse a papelada com as autorizações de Fedro, Aristófanes, Aristodemo, Sócrates etc., com a dificuldade adicional de que alguns desses depoentes terem feito suas declarações sob efeito de álcool...

Em nossas revistas – diga-se de passagem – sem descuidar a normatização cabível, procuramos (na medida do possível...) promover ideias, que são o que realmente conta.

Mas voltemos às características de nosso Memorial, procurando afastar quaisquer falsas pretensões de uma bem comportada racionalidade na história da Editora.

Na redação de um Memorial honesto, deve-se ter em conta aquele fenômeno gramatical (e na verdade “mais do que gramatical”; que ocorre no grego, no latim e em outras línguas) conhecido como “voz média”: uma operação que não é propriamente ativa nem passiva, mas que, sendo do sujeito, é-lhe exterior (ou vice-versa): o exemplo clássico é o do verbo *nascor*, nascer (eu nascço - exerço ativamente a ação de nascer - ou sou nascido?). É o “navegar” de que fala o samba “Timoneiro” de Paulinho: não sou eu quem me navega; quem me navega é o mar.

A *circunstância* traz a presença do casual em nossas trajetórias - encontros e possibilidades que se abrem inesperadamente - uma presença real, que ocupa lugar principal nelas: é muito fácil *a posteriori* narrar a vida profissional ou institucional como se seus marcos obedecessem a uma lógica consciente e a uma determinação pré-estabelecida da vontade.

Certamente, há uma *vocação*, uma força interior que compele a encaminhar as atividades para um determinado sentido, mas essa vocação se expressa nas

⁴ Marías, Julián *Hispanoamérica* Madri, Alianza, 1986, p. 369.

possibilidades dadas, e por isso falamos em *trajetórias*: a resultante da dialética *vocação-circunstância*.

Nesse sentido, os diversos “episódios” que recolhemos neste relato são também um necessário tributo ao fortuito da circunstância, que condiciona, limita e abre possibilidades à vocação. E como gratidão à generosidade de tantos colegas do Brasil e do exterior, que têm feito navegar a navegação da editora Mandruvá-Cemoroc.

1997, Sylvio Horta e a pré-história da Mandruvá

Para falar dos começos (e dos princípios) da Mandruvá (que viria a ser o braço editorial eletrônico do Cemoroc), é necessário falar de seu fundador: Sylvio Horta.

No fim de 1988, uma colega (a quem sou imensamente grato), a Dra. Lisandre Castello Branco, disse-me que tinha indicado meu nome a um jovem pesquisador, Sylvio Roque de Guimarães Horta, interessado em fazer mestrado em filosofia da educação. Poucos dias depois, ele apareceu em meu gabinete da Feusp, o 218. Aos poucos minutos de conversa, uma profunda *sym-pathia*, também no sentido etimológico de sintonia no sofrer o mundo: inconformidade com os limites da ciência, com as estreitas bitolas impostas pelo “cientificismo” acadêmico. E também: a paixão pelos Beatles, pela valorização do corpo na Antropologia Filosófica, pelos Orientes, pelo pensamento de Julián Marías etc.

Claro que aceitei – os colegas costumam dizer que eu tenho uma incrível sorte com orientandos – e, em 1990, Sylvio Horta começou a fazer o mestrado sobre Marías e a educação. Aquele encontro inicial projetou-se e esse nosso diálogo constante dura já quase 25 anos.



Sylvio Horta – Diretor Editorial e webmaster de edições eletrônicas do Cemoroc

Junto com uma imensa bondade pessoal, Sylvio é uma inteligência brilhante, que sabe aprofundar em diversos campos: é, ao mesmo tempo, um grande sinólogo (atualmente chefe da área de língua e pensamento chinês e vice-chefe do Departamento de Letras Orientais da Fflchusp), mas também um dos maiores conhecedores do pensamento de Ortega e Marías. Estudioso dos clássicos do Ocidente, atualizadíssimo em diversas áreas científicas (sua graduação foi em Farmácia) e – qualidade rara em professores de humanas – possui um domínio incomparável de tecnologias de Internet.

O ano de 1997, ano em que lançamos nossas primeiras revistas também em versão eletrônica, não é casual: foi então que o trabalho de webmaster se tornou viável e a Internet estava começando seu *boom* comercial entre nós. Naturalmente, não havia no Brasil muitas revistas eletrônicas e muitos professores de ciências humanas ainda relutavam em operar por si mesmos um simples editor de textos.

Uma matéria extraída do acervo do Estadão, de 16-09-96, ajuda-nos a lembrar o que era ser webmaster (o jornal só tinha empregado antes essa palavra uma única vez, um ano antes, para falar de seus tímidos e pioneiros ensaios de edição digital) naquela época: a complicadíssima trabalhadeira que era criar um site – ou mesmo uma simples página html. Até que Bill Gates lança o programa Front Page (como parte de seus planos para “dominar o mundo” *sic*).

FrontPage 1.1 constrói página ao clique do mouse

*Uso de Software
dispensa conhecimento
de comandos da
linguagem HTML*

E agora? O Web site está pronto e configurado. Mas não existe ainda um número suficiente de páginas no formato HTML que faça a Intranet instalada ser útil. Uma das soluções, tempos atrás, era contratar um webmaster. Ou comprar um livro de HyperText Markup Language — e passar noites decorando os comandos enfadonhos da “língua” da Internet.

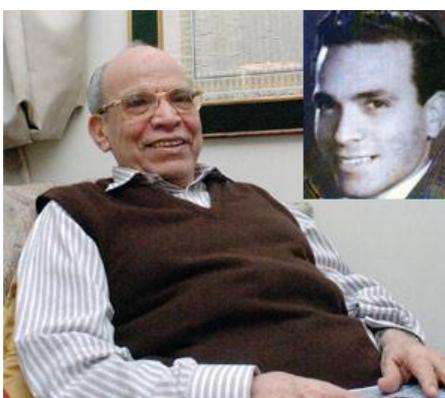
Como Bill Gates quer dominar a Net — pois a partir dela tentará dominar o mundo —, a Microsoft resolveu juntar o FrontPage 1.1 no pacote de software do Windows NT

Em 1997, Sylvio, cursava o doutorado na Feusp, mais uma vez sobre Ortega e Julián Marías; eu, tinha concluído a livre-docência, dois anos antes. Claro que a progressão na carreira, daquele grupo de amigos que ajudaram a fundar a editora, fortalecia e abria perspectivas para nosso projeto. Alguns desses colegas (mencionarei apenas os brasileiros dos primeiros tempos) já tinham carreiras maduras e nos emprestaram seu prestígio acadêmico; em outros casos, percorrer seus artigos nestes 15 anos, é acompanhar sua brilhante trajetória acadêmica.

Alguns, ainda mestrando na época, são hoje importantes referências em suas áreas: Celso Beisiegel, Gabriel Perissé, Gilda Naécia Maciel de Barros, Ho Yeh Chia, Luiz Costa, María Concepción Piñero Valverde, Maria de Lourdes Ramos da Silva, Mario Bruno Sproviero, Pedro Garcez Ghirardi, Ricardo da Costa, Roseli Fischmann, Sílvia Gasparian Colello...

Aida Hanania e a pré-história da Editora

Outra fundadora de nosso empreendimento editorial foi a Dra. Aida Hanania, que viria a se tornar Titular de Língua e Literatura Árabe na Fflchusp. Aida tinha sido minha professora no curso de Árabe da USP, em 1990, e colega, quando iniciamos o Programa de Pós Graduação em Língua, Literatura e Cultura Árabe em 1995. Ligado ao projeto de Pós, o Prof. Helmi Nasr, o querido fundador dos estudos árabes na USP, Aida e eu, entre 1993 e 1995 desenvolvemos um intenso projeto editorial de revistas e livros, precursor do que viríamos a criar no EDF da Feusp em 1997.



Helmi Nasr em 2007 e quando ainda vivia no Egito, seu país natal – foto Jornal da Usp

O Prof. Nasr, que neste ano completou 90 anos e em plena atividade, é, como se sabe, autor da primeira tradução, direto do árabe, do Alcorão e o primeiro latino-americano a integrar o Conselho de Sábios da Liga Islâmica Mundial. (cf. neste número o artigo de Hanania e Lauand sobre Helmi Nasr).

Com a aposentadoria da Aida, e tendo o Prof. Nasr e eu concluído nossa colaboração voluntária para o Programa de Pós (durante esses anos trabalhei no Programa sem deixar nenhuma das funções que exercia na Feusp...), transferimos nossos projetos editoriais para o EDF-Feusp (e para o Cemoroc, fundado oficialmente em 2002).



“Revista de Estudos Árabes” - Caligrafia de Hassan Massoudy para a capa da *Revista de Estudos Árabes* do Dlo-Fflchusp

Aida Hanania, a quem tanto deve o curso de Árabe da USP, é uma daquelas eruditas à antiga: apaixonada pela língua e cultura francesas, profunda conhecedora do árabe, refinado senso artístico etc.



Aida Hanania e Maria de Lourdes Ramos da Silva

Além de brilhante pesquisadora, é excelente administradora, a chefe que qualquer departamento sonha em ter. Sua contribuição como fundadora de nossas revistas tem sido, ao longo destes 15 anos, inestimável.

A ela devemos, por exemplo, os primeiros co-editores internacionais, que viria a ser característica de nossas edições e de que falaremos em outro tópico. Em 1992, em um congresso realizado na USP - por ocasião do V centenário da descoberta da América -, Aida recebeu, como diretora do Centro de Estudos Árabes, duas professoras do *Departamento de Estudios Árabes e Islámicos* da *Universidad Autónoma de Madrid* - Dra. Aurora Cano e Dra. Nieves Paradela - e falamos genericamente sobre a possibilidade de cooperação entre nossos Departamentos. Esse contato viria a ser – anos depois – as primícias de nossas parcerias internacionais.

A propósito, indiquemos, de passagem, três características editoriais que procuramos cultivar e que são objeto de *unânime* gratidão por parte dos autores, que se encontram, também por isso, altamente motivados:

1) a agilidade em publicar: uma vez aprovado o artigo pelos pareceristas, não há demoras (parece incrível que na era da editoração eletrônica, artigos encaminhados levem muitos meses ou anos para serem publicados);

2) a consideração para com o autor, que é rapidamente (em geral, em menos de um mês) informado da aceitação (/recusa/aceitação condicional) de sua matéria e da previsão exata de sua publicação; e

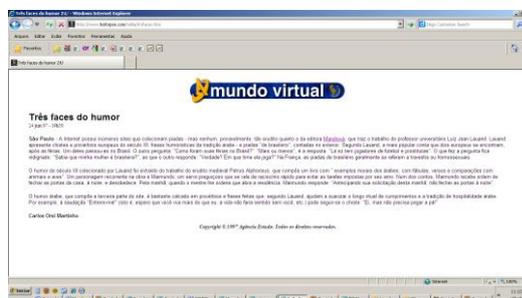
3) A rigorosa pontualidade das revistas periódicas (como se sabe, há uma absurda praxe das revistas acadêmicas de andarem defasadas, por vezes em anos...).

Nascimento com humor e mídia

Naquele ano de 1997, com as condições acadêmicas e tecnológicas amadurecidas, lançamos o No. 1 de *Mirandum* (jan-abr 97). A palavra *mirandum* em latim significa: “o que suscita admiração” e remete a nada menos que ao princípio da filosofia e da poesia, segundo Aristóteles e S. Tomás (e os clássicos em geral). Como consta no “olho” da revista: “O filósofo e o poeta têm algo em comum: ambos se ocupam do *mirandum* (admirável). (Tomás de Aquino, *In Metaph.* 1, 3, 4)”

Nos números 1 e 2 de *Mirandum*, publicamos em forma de artigos um par de estudos meus que já constavam de uma seção Humor, um diferencial do site da Mandruvá. Mas, com uma característica original: não se tratava meramente de piadas, mas de uma seção "Humor e reflexão", na qual apresentávamos, por exemplo, piadas do século XII, o estudo "O Humor na Bíblia" e uma seção (bilíngue) sobre "piadas de brasileiro", fruto de uma longa pesquisa sobre a (então, péssima) imagem do brasileiro na Europa. Um de meus alunos, Robson Pereira, jornalista do Estadão e pioneiro da Internet nesse campo, encaminhou o link para o nascente "Mundo Virtual" da *Agência Estado* e nossa seção ganhou duas matérias de capa (24-6-97 e 1-7-97) nesse site de notícias sobre a Internet.

A primeira dessas matérias, “Três faces do humor”, começava assim: “A Internet possui inúmeros *sites* que colecionam piadas - mas nenhum, provavelmente, tão erudito quanto o da editora Mandruvá [...] que apresenta chistes e provérbios europeus do século XII, frases humorísticas da tradição árabe - e piadas 'de brasileiro', contadas no exterior.” As piadas “sobre brasileiro” da época estão no site até hoje (www.hottopos.com/piadas/brasil.htm).



Poucos dias depois, a jornalista Cristiane Segatto publicou uma matéria (/entrevista) “Piadas sobre brasileiros são comuns na Internet” (O Estado de S. Paulo, 30-6-97), o que deu visibilidade ao site. Sucederam-se entrevistas para rádio e TV: Maria Lídia (CBN), Gioconda Bordon (Eldorado), Britto Jr. (TV Senac) etc. e grande repercussão na mídia impressa.

Quanto às edições impressas, tivemos a felicidade de contar, desde o começo de nossas edições, com os competentes serviços da Copiadora São Bernardo Ltda. (<http://www.copisb.com.br/canais/hp/index.asp>), na maior parte destes 15 anos sob a direção do amigo e parceiro Valmir Gardinalli. Quinze anos e duzentos serviços em gráfica e nunca um atraso, uma imperfeição!! Pelo contrário, muitas vezes o Valmir é que parava as máquinas para avisar-nos de algum erro que escapara aos revisores. Quem conhece o mundo das gráficas sabe que isso parece impossível e mesmo impensável (gráfica não cumpre prazo etc.). Mas é verdade. Sem o Valmir e a equipe da São Bernardo não teríamos chegado até aqui.

Funcionários da Feusp sempre nos apoiaram. Como o Douglas, cinegrafista do setor audiovisual da Feusp, que, sempre atento aos temas discutidos, gravou em vídeo tantas horas de nossos Seminários, o que lhe daria, no mínimo, o título de especialista em Educação. A Neide e a Marisa do Apoio Acadêmico. E um especial agradecimento para o Almir, o Émerson e o Adilson, tão competentes no Protocolo da Feusp.

Falando ainda na base material, a editora – e o próprio Cemoroc – nunca teve sede: as reuniões, centenas delas, e as recepções de convidados estrangeiros, sempre têm se dado em bares e restaurantes perto da USP. Especialmente no “Clube dos Professores”, passagem obrigatória para os estrangeiros, que ficam extasiados com a exuberância da mata tropical e dos churrascos (do mestre Zé Carlos) e das porções (naquele tempo o Clube funcionava também à noite) e com o atendimento dos garçons.

Também o “Senzala”, na Panamericana. “Os Cobras”, na Vital Brasil, popular, um laboratório sócio-antropológico da cidade, com o impagável garçon Zé, que atende 20 mesas como se cada uma fosse a única. O antigo Ilha da S. Gualter – o Dr. Paulo Ferreira da Cunha, chegou a homenageá-lo formalmente, dedicando um de seus livros “às conversas do Ilha”... O “Clube do Churrasco” da Corifeu, com seu curioso slogan de então: “Frequentemente bem frequentado”. O “Mestre das batidas” (do Itaim). “Peña Don Fernando”, em Aldeia de Carapicuíba. O “Stefano” na Raposo. A pizzaria Degas, na Teodoro, para lançamentos de revistas e livros. Também nesse campo, São Paulo não fica nada a dever a nenhuma cidade do mundo.



A equipe do Clube dos Professores: Adão, Artur, Nonato, Shizuo, Edilson, Lima, JL...

...e Nicodemos

Já em 1999, realizamos (Sylvio Horta e JL) uma entrevista com alguns garçons do Clube, publicada em: www.hottopos.com.br/videtur12/garcon.htm



XIII Seminário Internacional Cemoroc: Filosofia e Educação - maio 2012. Aspecto do público.

A seguir, apresentamos outras fotos desses 15 anos de nossa editora. Nelas aparecem:

Nossos diretores: Sylvio Horta; Paulo Ferreira da Cunha, diretor do IJI – Instituto Jurídico Interdisciplinar da Universidade do Porto, atualmente nosso principal parceiro internacional.

Co-fundadores de algumas de nossas revistas, como Pere Villalba, um dos mais importantes medievalistas da atualidade.

Colegas que ajudaram a fundar a Editora, como os mencionados na p. 10.

Autores de nossa seção especial, *Signatures* (mencionada na p. 6).

Participantes, autoridades e organizadores dos Seminários Internacionais Filosofia e Educação do Cemoroc (atualmente em sua 13ª. edição) As conferências e comunicações desses eventos costumam ser recolhidos em nossas publicações.

Alguns de nossos *editors*, como Gabriel Perissé (Videtur Letras, com dois importantes números em parceria com o *Instituto de Filosofia de Cuba*) e *editors ad hoc*, como Enric Mallorquí, Roseli Fischmann e Terezinha de Oliveira.

Membros de Conselho, autores, tradutores e colaboradores (como o medievalista Ricardo da Costa, da UFES; os Lamy, do ESDC; diversos chefes do EDF etc.).

As secretárias do EDF, que tanto têm colaborado com nosso trabalho editorial.

Outros diretores como Roberto Castro e Chie Hirose.

Estas fotos (pp. 15 e 16), muito reduzidas para mero registro na edição impressa, são perfeitamente visualizadas (e em cores) na edição eletrônica deste artigo: www.hottopos.com/isle12/index.htm (N. do E.)



1. Jean Lauand (JL), Paulo Ferreira da Cunha (PFC), Marcelo Lamy (ML), Roberto Castro (RC), Sylvio Horta (SH) no Ilha. 2. Alfonso López Quintás, em sua casa em Madri 3. Com o Dr. Reboiras (Univ. Freiburg) e esposa no Victoria.



1 e 2. Sandra, Márcia e Rita, as grandes secretárias do Edf. 3. Vittorio Hössle, um dos 12 autores da seção *Signatures*.



1. Pere Villalba, fundador da *Rev. Intern. d'Humanitats*, na *Aldeia Guarani Tonendé Porã* em São Paulo 2. Elian Lucci, Prof. Marcelo, JL e Aida Hanania (<http://www.hottopos.com/rih7/pere.htm>) 3. PV no templo Zu- Lai (Cotia).



1. No "Don Fernando": Manuel Matos, Jorge Negreiros (Univ. Porto), José Sérgio F. de Carvalho, PFC e JL. 2. e 3. Fechando o "Degas" para lançamento. 3. JL, Sílvia Gasparian Colello e Clodoaldo Colello.



1. JL, ML, Antonio Carlos Rodrigues do Amaral, co-fundador da *Int. Studies on Law and Education*, João Sérgio Lauand. 2. Sílvia Gasparian Colello, JL, Dalton Luiz de Paula Ramos, SH, Gabriel Perissé (GP). 3. Luiz Costa



1. Em pé: Ho Yeh Chia, criadora da página de tradução ao chinês de *Signatures*, SH, Mario Sproviero, Gabriele Greggersen, JL, Waldir Cauvilla. Sentados: Aida Hanania e JL. 2. No primeiro (dos 13) Seminários Internacionais Cemoroc: GNMB, Antônio Joaquim Severino, Alfonso López Quintás, JL, María Concepción Piñero Valverde, Aline L. F. Lacerda, Sílvia Brandão, GP e Pedro Garcez Ghirardi. 3. Roseli Fischmann, co-fundadora de *Convenit Internacional*.



1. Terezinha de Oliveira 2. O poeta Gilberto Gaspar, Sílvia Brandão, Cecília Canalle, Marli P. N. Silva, GP. 3. SH e Inty Scoss Mendoza.



1. JL, Cardeal D. Cláudio Hummes, Selma Garrido Pimenta, GNMB e Celso Beisiegel 2. Enric Mallorquí-Ruscalleda, um de nossos *editors*. 3. Angeles Almacellas, uma das autoras da seção *Signatures*.



1. RC, Edileine Vieira Machado e ML 2. Pedro Henrique Ribeiro, Boguslaw Banaszak, JL, PFC. Foto: Francisco Emolo / Jornal da USP 3. PFC, JL, Jair Militão e Berthold Wald.



1. Domingos Zamagna, PFC, JL, Berthold Wald e Vanessa Sievers de Almeida. 2. JL, João Carlos de Almeida, Sílvia Brandão 3. Chie Hirose, PFC, Eduardo Basaglia, JL e Roberto Castro.



1. Dora Incontri e Gabriel Perissé 2. Márcio Fernandes da Silva 3. Público do XIII Seminário Internacional Filosofia & Educação



1. Ricardo da Costa 2. Alexander Fidora e JL 3. Miguel Ángel García Olmo

Parcerias com universidades estrangeiras

Antes de falar de como se estabeleceram os contatos com as universidades estrangeiras coeditoras, passo a palavra a uma criteriosa matéria do Jornal da USP (7 a 13-08-2000, p. 9), que faz um balanço das atividades da editora em seu terceiro ano.

As ciências humanas reinam absolutas numa página da Internet mantida com a ajuda da USP. Criado em 1997 pela Editora Mandruvá - com apoio do Dep. de Filosofia da Educação e do Dep. de Letras Orientais da USP -, o *site* reúne 8 revistas diferentes, que trazem originais artigos ligados a várias áreas das humanidades, desde filosofia e educação até literatura, direito e estudos orientais. Nelas, pode-se encontrar, por exemplo, textos sobre o pensamento de Tomás de Aquino, entrevistas inéditas com pensadores estrangeiros - como o filósofo espanhol Julián Marías -, e aspectos da cultura árabe, como a relação entre o Corão e a ciência. As revistas podem ser acessadas no endereço www.hottopos.com/. Outras universidades do mundo também participam do projeto da Editora Mandruvá - entre elas as de Frankfurt e Freiburg, na Alemanha, Barcelona e Madri, na Espanha, e Porto, em Portugal -, que co-editam as revistas. Já em sua décima edição, a revista *Mirandum*, por exemplo, saiu recentemente com a cooperação do Gabinete de Filosofia Medieval da Universidade do Porto.

O mesmo Gabinete - o único em Portugal a oferecer curso de pós-graduação em filosofia medieval - colaborou na edição de outra revista, a *Notandum*, número 6, lançada neste mês.

A Universidade de Freiburg co-editou outras edições de *Notandum*. A *Collatio* - dedicada a estudos árabes, hoje no número 5 - conta com a ajuda da Universidad Autónoma de Madrid. Já a *Revista Internacional d'Humanitats* e a *Convenit Internacional* têm como co-editores, respectivamente, a Univ. Autònoma de Barcelona e a Univ. de Frankfurt. Junto com a Harvard Law School Association of Brazil - um órgão oficial da Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, que reúne os brasileiros pós-graduados naquela instituição -, a Editora Mandruvá publica também a *International Studies on Law and Education*, com textos sobre direito e educação. (...)

No total, a página da Editora Mandruvá já editou, através das oito revistas, cerca de 500 artigos de mais de 200 autores do Brasil e do exterior, em 11 línguas diferentes, inclusive chinês, árabe, catalão e alemão.

"Nossa página recebe quase 2 mil visitas por dia, de vários lugares do mundo, e esse número está aumentando", comemora o editor de Internet da Editora Mandruvá, Sylvio Horta, que fez doutorado em Filosofia da Educação na USP. Pelos cálculos de Horta, cerca de 150 instituições do mundo recomendam a página da Editora Mandruvá em seus *sites* - entre elas as bibliotecas do Vaticano e das Universidades de Berlim e Hannover, na Alemanha.

As revistas são uma nova e bem-sucedida maneira de divulgação científica, segundo o coordenador editorial da editora, professor Jean Lauand, do Departamento de Filosofia da Educação da Faculdade de Educação da USP. Enquanto os editores das tradicionais revistas acadêmicas impressas sofrem atrasos com falta de verbas e burocracia - diz -, as publicações eletrônicas se caracterizam pela agilidade e rapidez. Da sua sala na USP, Lauand recebe via Internet textos de pesquisadores de todos os continentes, interessados em publicar seus

trabalhos. Em seguida ele envia os artigos para os membros dos conselhos editoriais das revistas, compostos por professores das universidades co-editoras. Só após receber a aprovação de pelo menos dois pareceristas é que os textos são publicados. "Como tudo é feito por *e-mail*, não temos problemas com atrasos", afirma Lauand, lembrando que as revistas estão também à disposição de professores e estudantes da USP. Graças a essa agilidade, a editora já prepara novos lançamentos. A edição número 3 da *Convenit Internacional* acaba de entrar na rede, com um léxico da língua hitita, de autoria de Jesús Rodríguez Ramos, de Barcelona, e um ensaio sobre o Renascimento no século 12, escrito por Alexander Fidora e Andreas Niederberger, de Frankfurt.

Nos próximos meses, com exclusividade internacional, a editora colocará à disposição do público 24 conferências sobre história da filosofia dadas por Julián Marías, durante um curso que ministrou em 1999 na Espanha. Atualmente com 86 anos, Marías - que nos anos 40 escreveu uma História da Filosofia hoje clássica - cedeu à editora os direitos de tradução e publicação do curso. "Nas aulas, ele revisita sua obra e aborda de Heráclito a Heidegger numa linguagem acessível a todos", explica Lauand. "É um material importantíssimo." (...) As oito revistas eletrônicas também são editadas em papel, mas em pequenas tiragens de 300 exemplares, que são distribuídos para bibliotecas e outras instituições.

Como chegamos tão rapidamente a esse elevado estágio? Em se tratando de estabelecer intercâmbio com universidades européias, a primeira pergunta é: o que a universidade brasileira teria a oferecer a essas instituições?

Nesse sentido, um episódio divertido ocorreu, em 1999, quando propus aos colegas da Universität Freiburg que na capa de cada revista, que estávamos então co-editando, constasse: "edição comemorativa dos 30 anos da FEUSP". O Dr. Reboiras, diretor de Freiburg, sorriu e disse que não havia inconveniente, mas que a universidade deles era do século XV...

Por mais que os professores europeus possam respeitar o trabalho que desenvolvemos em países jovens como o Brasil, para que se estabeleçam projetos comuns acadêmicos entre Departamentos (e na área de Humanidades), é necessário convencê-los da seriedade e do caráter duradouro desses projetos. Essa necessidade se acentua no caso de áreas de estudo como Idade Média ou Estudos Orientais. Nessas áreas, é como se um time de futebol, digamos, da Venezuela, pretendesse intercâmbio com grandes times brasileiros como Corinthians e Palmeiras.

Ao guiar-nos por uma visita aos bastidores do *Escorial* (e sua incrível biblioteca de manuscritos), a Dra. Aurora Cano tinha deixado preparado desde a véspera alguns manuscritos ligados ao trabalho dos três professores brasileiros convidados. Por exemplo: eu tinha traduzido e publicado no Brasil o *Libro del Acedrex* e outros textos de D. Alfonso o Sábio e, para minha surpresa e emoção, lá estavam, literalmente em minhas mãos os manuscritos (em alguns casos, o último exemplar remanescente) dessas preciosidades.

Feitos os devidos contatos: com a Dra. Aurora Cano (a chefe do Departamento de Estudios Árabes da Autónoma de Madrid, com quem tínhamos feito - a título de experiência - algumas publicações não-periódicas e não-eletrônicas em 1996) e com um dos mais prestigiosos medievalistas do mundo, professor do Departamento de Estudios Clássicos e de Idade Média da Autónoma de Barcelona, o Dr. Pere Villalba (a quem escrevi por Internet sem outro conhecimento que a vaga indicação de um amigo comum), fui convidado para, em abril de 1998, visitar essas universidades, a fim de

formalizarmos a fundação das revistas *Collatio* e *Revista Internacional d'Humanitats* e para nelas proferir conferências. E também outros contatos em Espanha, graças a indicações de Concha Piñero e Malu Ramos da Silva.



Tive o privilégio - em boa parte da viagem - da companhia dos professores Mario Bruno Sproviero, notável filósofo do Dlo-Fflchusp, e Elian Lucci da Ed. Saraiva, com agendas, em geral, distintas e só em parte comuns.

Essas primeiras conferências significavam para meus anfitriões, além de atos acadêmicos (debater com um professor estrangeiro), talvez também, como "agenda oculta" (até para os professores que já estavam dispostos a realizar projetos conjuntos com a USP), a possibilidade de - já que pretendíamos fazer edições em comum - permitir aos docentes desses Departamentos "testar" a legitimidade dos parceiros. E entre brancos, trancos e barrancos acabamos aprovados. E foram fundadas a revista *Collatio*, coedição com a Univ. Autónoma de Madrid (depois de alguns anos desativada, voltou a circular neste ano, agora como revista de orientadores e orientandos, em parceria com a Univ. do Porto); *Revista Internacional d'Humanitats*, com a Univ. Autónoma de Barcelona; *Notandum*, originalmente com a Univ. San Pablo de Madrid; e *Mirandum* passaria a ser coeditada com o Gabinete de Filosofia Medieval da Univ. do Porto; e hoje é coeditada com o IJI, da mesma universidade.

Nossas primeiras revistas têm sugestivos nomes latinos (tendência depois seguida por congêneres...), assim explicados em sua p. 1:

Collatio

Experimentum est ex collatione plurium singularium...

A experiência procede da *collatio* (reunião, comparação) de muitas percepções particulares... (Tomás de Aquino *In Metaphys.* 1, 1, 15).

Notandum - something to be specially noted
(*Oxford English Dictionary*)

No caso de Barcelona, tivemos de abrir uma exceção: a revista que o EDF-FEUSP co-edita com eles não tem nome latino, mas catalão: *Revista Internacional d'Humanitats*.

Mas, voltemos à questão: o que tínhamos a oferecer nesses intercâmbios? Se os colegas europeus estão em melhores condições de desenvolver estudos clássicos e de humanidades, nós tínhamos uma muito avançada estrutura editorial eletrônica: o *site* da editora Mandruvá.

Com esse pioneirismo, fomos recebendo links de importantes universidades e dos nascentes bancos de dados da época, que depois serviram de base para outros (cada uma de nossas revistas traz na sua home page de seus últimos números um link para esses indexadores).

Entrevistas

Essas viagens renderam também para nossas revistas entrevistas com importantes pensadores europeus. Realizamos e publicamos mais de 30 entrevistas. Com renomados medievalistas como Antonio Linage (Madrid, autor da consagrada *História Geral da Ordem Beneditina*, obra única no gênero); Maria Cândida Pacheco (diretora do Gabinete de Filosofia Medieval da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, que dirigia os trabalhos do GFM sobre os autores portugueses medievais) ou Fernando Reboiras da Universität Freiburg. Entrevistamos também destacados arabistas, como Miguel Cruz Hernández (o maior nome em estudos sobre Averróes), Aurora Cano, Serafín Fanjul (o infatigável tradutor e estudioso de Ibn Khaldun), entre tantos outros. Além, é claro, dos filósofos Julián Marías e Alfonso López Quintás. E educadores, como a curiosa entrevista com César Coll, sobre a reforma curricular brasileira: <http://www.hottopos.com/harvard1/coll.htm>.

Dentre os entrevistados brasileiros, na época, destaco a entrevista com a poeta Adelia Prado (<http://www.hottopos.com.br/videtur9/renlaoan.htm>), que presenteou-nos com o manuscrito de um poema inédito, que só se encontra em nosso site e que reproduzo aqui: “Acácias”.

ACÁCIAS

Minha alma quer ver a Deus.
Eu não quero morrer.
Quero amar sem limites
E perdoar a ponto de esquecer-me
Radical, quer dizer pela raiz
O perdão radical gera alegria
Exorciza doenças, mata o medo
Dá poder sobre feras e demônios
Falo. E falo é também membro viril,
Todo léxico é pobre,
Idiomas são pecados;
Poemas, culpas antecipadamente perdoadas
Eis, esta acácia florida gera angústia
Para livrar-me, empenho-me
Em esgotar-lhe a beleza
Beleza importuna,
Magnífica insuficiência,
Porque ainda convoca
O poema perfeito.

Nossos “Três Tenores”: Josef Pieper, Julián Marías e Alfonso López Quintás

Antes do contato editorial, o acadêmico: Josef Pieper, Julián Marías e Alfonso López Quintás eram os temas das teses de doutorado, respectivamente: minha, de Sylvio Horta e de Gabriel Perissé. Aproveitando as viagens à Europa de 1998 e 1999, aproveitei para estabelecer contato pessoal com Marías e López Quintás.

Na época, Julián Marías era, talvez, o filósofo mais lido do mundo. Quando, em 1998, estive em Madrid, fui recebido carinhosamente por Don Julián, para conhecê-lo e para entrevistá-lo (seu apartamento era mais um depósito de milhares de e milhares de livros amontoados).

Após gravarmos a entrevista (estupenda!), Don Julián convidou-me para assistir a uma de suas conferências sobre filosofia (ele estava dando dois cursos de

conferências). Anotei endereço e data e fui. Ao chegar ao local (a conferência era na *calle San Bernardo*, rua central em Madrid), havia uma multidão (depois calculei que havia mais de 300 pessoas) que se apinhava para assistir a um filósofo, que contava, então, com 84 anos. D. Julián quis honrar-me, recebendo-me privadamente na antecâmara da conferência e, ao final, duas professoras da *Asociación de Amigos de Julián Marías*, Cármen e Teresa Barril Roche (são irmãs), vieram me perguntar se eu tinha gostado da conferência, de onde eu vinha etc. e me falaram da *Asociación*. Ficamos em encontrar-nos para conversar com mais calma, no dia seguinte, em frente ao Museo do Prado. Cheguei pontualmente ao encontro e quando expliquei que, além de professor, era editor, elas prontamente me ofereceram as fitas das conferências do filósofo para publicação. Essa generosa oferta se manteve ao longo de alguns anos e, graças a essas boas amigas, publicamos, com exclusividade, diversas conferências de JM.



No apartamento de Julián Marías

Em 17-6-2000, data em que JM comemorou seu 86o. aniversário, a AAJM confiou à nossa editora a publicação do curso ministrado em 1999-2000 em mais de vinte conferências (uma para cada filósofo de Heráclito a Heidegger, passando por Aristóteles, Agostinho, Descartes, Locke, Husserl, Ortega etc.) sobre *História da Filosofia (em seus estilos)*. Quando se tem em conta que a *Historia de la Filosofía* de Julián Marías publicada em 1940 é até hoje um dos livros mais vendidos no mundo hispânico, pode-se avaliar a importância desse gesto de amizade e confiança.

Com Alfonso López Quintás, também uma imensa generosidade. Recebeu-me com grande simpatia: entre outros "detalhes", quando lhe disse que iria orientar a primeira tese sobre seu pensamento no Brasil, ele ofertou-me - não aceitando mais do que um pagamento simbólico - uma coleção de sua extensa obra completa (incluindo dezenas de fitas de vídeo e de áudio e dezenas de livros, alguns antigos e raros). E desde então tem enviado diversos originais - com exclusividade para nossa editora - que temos publicado, despertando muito interesse por parte do público leitor.

Josef Pieper, alguns anos antes de morrer, já nos tinha dado sua autorização para publicar artigos seus. A ele dedicamos, entre outras, as publicações relativas ao XII Seminário Internacional Filosofia e Educação do Cemoro (2011), centrado em seu conceito de Universidade (Cf. <http://espaber.uspnet.usp.br/jorusp/?p=18225>). E também o X Seminário Internacional Filosofia e Educação, com a presença do Dr.

Berthold Wald, Diretor do Centro de Estudos Josef Pieper, da Theologische Fakultät de Paderborn Institut (Cf. <http://espaber.uspnet.usp.br/jorusp/?p=8559>).

De posse desse tesouro, criamos a página “Special Collections - Signatures”, com textos exclusivos dos três filósofos, aos quais, depois se juntaram outros nove autores: <http://www.hottopos.com/4.htm>

Essa página e seus artigos imediatamente receberam diversos prêmios e destaques internacionais (muitos Top Ten do Google; Site da semana do ABC, etc.).

Outras “Special Collections” foram criadas: coletâneas de artigos sobre Idade Média; Orientes; etc.

Nosso parceiro atual: o IJI - Instituto Jurídico Interdisciplinar da Univ. do Porto

Mais uma vez o acaso. Em 1999, o ilustre jurista e filósofo português Paulo Ferreira da Cunha e eu estávamos em uma lista da Internet (dessas de e-mails e, portanto, só se sabe da presença de quem participa ativamente). Um dia recebo um mail do Paulo, apresentando-se e, imediatamente – dada a imensa sintonia de pensamento e pessoal –, começou uma grande amizade, que quando da fundação do IJI, passou a ser também comunhão institucional Cemoroc-IJI: no plano editorial e de organização de eventos. Não é por acaso que Paulo aparece em diversas das fotos de nossos eventos: ele os preside!

Seu brilhante talento como erudito, autor, editor e professor incomparável, que ele generosamente põe à disposição do Cemoroc, tem sido, de modo crescente desde 2000, decisivo para nossos eventos e revistas: atualmente o IJI co-edita: Notandum, Convenit Internacional, Collatio e International Studies on Law and Education.

E com isto chegamos ao presente e encerro este esboço de Memorial, naturalmente mais voltado para os começos da produção editorial do Cemoroc. Uma de suas principais motivações é a de expressar a gratidão da Diretoria a todos os que tornaram esse caminho possível e, com especial carinho, a nossos leitores.

Recebido para publicação em 10-06-12; aceito em 15-07-12